

**Atena**  
Editora

Ano 2020

# FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS NA AÇÃO DOCENTE 2

MARCOS AURÉLIO ALVES E SILVA  
(ORGANIZADOR)

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

# FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS NA AÇÃO DOCENTE 2

MARCOS AURÉLIO ALVES E SILVA  
(ORGANIZADOR)

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

**Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

**Edição de Arte** Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Revisão** Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

#### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Formação de professores:  
perspectivas teóricas e práticas na ação  
docente**

**2**

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário:** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Marcos Aurélio Alves e Silva

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
F723	<p>Formação de professores [recurso eletrônico] : perspectivas teóricas e práticas na ação docente 2 / Organizador Marcos Aurélio Alves e Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-223-4 DOI 10.22533/at.ed.234202707</p> <p>1. Educação. 2. Prática de ensino. 3. Professores – Formação. I. Silva, Marcos Aurélio Alves e.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370.71</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O e-book “Formação de Professores: Perspectivas Teóricas e Práticas na Ação Docente” é uma obra composta por vários trabalhos com traços relevantes no que concerne a discussão da temática da formação de professores. Apresenta relatos que propiciam uma leitura convidativa que tange abordagens teóricas e práticas da formação inicial a formação continuada dos docentes.

Neste sentido, o livro tem como objetivo central em apresentar de forma clara, os estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do país. No segundo volume é contido escritos que abordam questões da profissionalização docente em seu âmbito de atuação com ênfase, em especial, as temáticas da tecnologia, inclusão, gestão, avaliação e política educacional. Ainda neste volume, é possível encontrar relatos que apontam para os cursos de formação de professores, a partir das práticas que nestes estão inclusas.

O terceiro volume é marcado de modo particular, por debates que enfatizam o professor nas várias modalidades de ensino e o construto de sua identidade enquanto profissional. Também é possível apreciar os trabalhos realizados na atuação do professor em sala de aula, diante dos recursos e metodologias que contribuem na dinâmica do processo de ensino-aprendizagem.

Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de fundamentar o conhecimento de acadêmicos, mestres, doutores e todos aqueles que de alguma forma se interessam pela temática da formação de professores. Possuir um material que discuta as questões relacionadas a essa temática é muito relevante, pois adentra nos aspectos da profissionalização de uma categoria marcada de características ao longo do tempo.

Deste modo o e-book “Formação de Professores: Perspectivas Teóricas e Práticas na Ação Docente 2 e 3” apresentam uma teoria bem fundamentada nos resultados obtidos pelos diversos professores e acadêmicos que arduamente desenvolveram seus trabalhos que aqui são apresentados de maneira concisa e didática. Sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores expor e divulgar seus resultados.

Marcos Aurélio Alves e Silva

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA DÉCADA DE 80	
Francisca Risolene Fernandes Jocilania Souza da Silva Sandra Dias Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2342027071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>9</b>
A IMPORTÂNCIA DAS TECNOLOGIAS NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES	
Rita Maria Sousa Franco Dania Rafaela Ferreira Carvalho José Carlos de Melo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2342027072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
A [IN]VISIBILIDADE DA BRINQUEDOTECA UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Frankson Santiago Reis Patrícia do Socorro Chaves de Araújo Tadeu João Ribeiro Baptista	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2342027073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
A UTILIZAÇÃO DO DIÁRIO ÍNTIMO NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I – DESCRIÇÕES DE UM PROCEDIMENTO À LUZ DA ISD	
Elaine Cristina Ferreira de Oliveira Fabiana Ap. da Silva Andrade Vinícius Cineli Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2342027074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>54</b>
ALUNOS COM DEFICIÊNCIA COMO PROTAGONISTAS EM PROJETOS LITERÁRIOS	
Maria Solene Santiago Sara Emanuelle Santiago da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2342027075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>59</b>
AS TECNOLOGIAS NA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS	
Maria Selta Pereira Maria Vanessa Correia Barbosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2342027076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>64</b>
AVALIAÇÃO COMO UMA RELAÇÃO DE PODER	
Cleonaldo Pereira Cidade Diana Oliveira Santos Bomfim Charlene Ferreira dos Santos Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2342027077</b>	

**CAPÍTULO 8 ..... 74**

BASE NACIONAL COMUM: A IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICA EDUCACIONAL PARA O ENSINO MÉDIO NA CIDADE DE BARUERI – GRANDE SÃO PAULO. EM CONTEMPLAÇÃO A BASE NACIONAL CURRICULAR

Rosângela da Silva Camargo Paglia

**DOI 10.22533/at.ed.2342027078**

**CAPÍTULO 9 ..... 86**

CLICANDO A CIDADE: ENSINO INTERDISCIPLINAR DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO POR MEIO DE FOTOGRAFIAS E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Marluce Bruna Ferreira da Silva

Iury de Almeida Accordi

Andréia Ambrósio-Accordi

**DOI 10.22533/at.ed.2342027079**

**CAPÍTULO 10 ..... 98**

DOCENTES NÃO DOENTES: PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES PARA MELHORAR A QUALIDADE DE VIDA DE QUEM EDUCA

Michelli Pires Goes

Iury de Almeida Accordi

Andréia Ambrósio-Accordi

Sandra Pottmeier

**DOI 10.22533/at.ed.23420270710**

**CAPÍTULO 11 ..... 109**

EDUCAR GENÉTICA: INSTRUMENTOS DIDÁTICOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE E O ENSINO DAS LEIS DE MENDEL

Vitória Beatriz Rocha Gomes

Nayara Gonçalves de Sousa

Larisse dos Santos Fernandes

Marlúcia da Silva Bezerra Lacerda

Francisco de Assis Diniz Sobrinho

**DOI 10.22533/at.ed.23420270711**

**CAPÍTULO 12 ..... 121**

FACES DA EXCLUSÃO DE PESSOAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS: COM A PALAVRA, OS CUIDADORES

Katyanna de Brito Anselmo

**DOI 10.22533/at.ed.23420270712**

**CAPÍTULO 13 ..... 130**

FORMAÇÃO 'IN LOCO': DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Fernanda Pereira da Silva Andrade

Jozaene Maximiano Figueira Alves Faria

**DOI 10.22533/at.ed.23420270713**

**CAPÍTULO 14 ..... 137**

FORMAÇÃO CONTINUADA EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO: DESVELANDO OS VIESES TEÓRICOS QUE CONDUZIRAM TAL PROCESSO FORMATIVO

Luan Henrique Alves

Jacks Richard de Paulo

**DOI 10.22533/at.ed.23420270714**

**CAPÍTULO 15 ..... 150**

FORMAÇÃO DOCENTE, PERSPECTIVAS LEGAIS E INCLUSÃO ESCOLAR: UMA BREVE REVISÃO TEÓRICA

Ana Luiza Barcelos Ribeiro  
Thamires Gomes da Silva Amaral Lessa  
Bianka Pires André

**DOI 10.22533/at.ed.23420270715**

**CAPÍTULO 16 ..... 163**

FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA SOCIEDADE DIGITAL: UMA OFICINA PEDAGÓGICA NA DISCIPLINA DE MÍDIAS EDUCACIONAIS

Amadeu Albino Júnior  
Maria da Glória Fernandes do Nascimento Albino  
Margareth Santoro Baptista de Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.23420270716**

**CAPÍTULO 17 ..... 175**

FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO IFPA: DESEMPENHO ACADÊMICO NO CURSO DE PEDAGOGIA

Ana Maria Leite Lobato  
Rita de Cassia Malato Ribeiro Araújo  
Natasha Mendonça Nogueira

**DOI 10.22533/at.ed.23420270717**

**CAPÍTULO 18 ..... 184**

GESTÃO ESCOLAR E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Elizabeth de Fátima da Silva Mattas

**DOI 10.22533/at.ed.23420270718**

**CAPÍTULO 19 ..... 199**

INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO DE QUÍMICA: DESENVOLVIMENTO DE UM KIT DIDÁTICO PARA O ESTUDO DA TEORIA DA DISSOCIAÇÃO ELETROLÍTICA DE ARRHENIUS

Evellyn Delgado Pereira de Araújo  
Maria das Graças Negreiros de Medeiros  
Vanúbia Pontes dos Santos  
Adiel Henrique de Oliveira Pontes  
João Batista Moura de Resende Filho  
Janaína Aguiar Peixoto

**DOI 10.22533/at.ed.23420270719**

**CAPÍTULO 20 ..... 213**

MATEMÁTICA EM FOCO NO CONTEXTO DO EXERCÍCIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO E NA PERSPECTIVA DA ABORDAGEM DA LUDICIDADE

Igor de Souza Pereira  
Rodiney Marcelo Braga dos Santos  
Rosangela Pereira de Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.23420270720**

**CAPÍTULO 21 ..... 227**

OS CURSOS DE LICENCIATURA DO MARANHÃO E OS INDICADORES DE QUALIDADE DO CPC

Ana Lúcia Cunha Duarte  
Ana Beatriz Frazão da Silva  
Vitória da Silva Souza  
Rafael Mendonça Mattos

**DOI 10.22533/at.ed.23420270721**

**CAPÍTULO 22 ..... 237**

PLANOS, SEQUÊNCIAS E ABSTRAÇÕES: A CINEMATOGRAFIA E A EDUCAÇÃO

Luís Gustavo da Conceição Galego

Fernando Lourenço Pereira

**DOI 10.22533/at.ed.23420270722**

**CAPÍTULO 23 ..... 252**

RELATO DA EXPERIÊNCIA COM O MOVIMENTO DE APRENDER E ENSINAR GEOGRAFIA: UMA ARTICULAÇÃO NECESSÁRIA

Jacks Richard de Paulo

Stela Maris Mendes Siqueira Araújo

Wellington Rodrigo Ferreira

**DOI 10.22533/at.ed.23420270723**

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 263**

**ÍNDICE REMISSIVO ..... 264**

## A UTILIZAÇÃO DO DIÁRIO ÍNTIMO NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I – DESCRIÇÕES DE UM PROCEDIMENTO À LUZ DA ISD

*Data de aceite: 01/07/2020*

**Elaine Cristina Ferreira de Oliveira  
Fabiana Ap. da Silva Andrade  
Vinícius Cineli Alves**

**RESUMO:** Este artigo versa sobre a aplicação do Diário Coletivo em uma sala de 5º ano do Ensino Fundamental I, em uma escola localizada na periferia de Votuporanga, interior do estado de São Paulo. A fundamentação teórica é respaldada no interacionismo sociodiscursivo, no que tange às contribuições do gênero textual Diário Íntimo no ensino da linguagem. A metodologia indica as características do grupo de alunos envolvido nesse trabalho, enquanto a análise investiga de que forma os discentes redigiram os textos, segundo o folhado textual descrito por Bronckart (2003).

**PALAVRAS-CHAVE:** Gêneros Textuais. Diário Íntimo. Ensino Fundamental I.

**ABSTRACT:** This paper studies the application of the Collaborative Diary in a 5th grade classroom of Elementary School, located on the outskirts of Votuporanga city, in the countryside of São Paulo state. The theoretical background is supported by sociodiscursive interactionism,

with respect to the contributions of the Personal Diary genre in teaching language. The methodology points to the characteristics of the students group involved in this study and the analysis investigates how the teachers wrote the texts, according to the concept of text layering described by Bronckart (2003).

**KEYWORDS:** Textual genres. Personal diary. Elementary school.

### 1 | INTRODUÇÃO

O foco central deste texto é tratar do gênero Diário Íntimo e sua respectiva aplicação em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental I. Este trabalho será analisado segundo os estudos da Didática das Línguas da Universidade de Genebra, no que concerne ao interacionismo sociodiscursivo, doravante ISD.

Partindo desta premissa, iniciamos o trabalho oferecendo o respaldo teórico em discussões sobre gêneros textuais (BAKHTIN, 2003; MARCUSCHI, 1997, 2005) segundo o ISD (BRONCKART, 2003; MACHADO, 2004) e suas contribuições para a sala de aula (VYGOSTKY, 1987, 1991; REGO 1999); bem como incursões às particularidades do diário

íntimo (MACHADO, 1998; MACHADO, LOUSADA, ABREU-TARDELLI, 2007). Além dos autores já mencionados, outros teóricos serão trazidos à baila em momento oportuno, completando a tessitura.

Metodologicamente, trará a descrição da turma de alunos que redigiu o Diário Coletivo, assim como as motivações e composição do corpus de pesquisa. Em seguida, o objetivo das análises é observar se os alunos fizeram uso das principais características do gênero em estudo. Para tanto, a amostra selecionada será estudada à luz do folhado textual de Bronckart (2003).

Por fim, mas não menos importante temos o remate deste roteiro. Tanto as considerações finais quanto as referências citadas ao longo do artigo são parte integrante que complementam os tópicos apresentados, além de propor outros olhares acerca do tema tratado.

### 1.1 O gênero textual na sala de aula

quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 285)

A citação acima aponta a importância de compreender a natureza dos gêneros, para que saibamos mais sobre nós mesmos, enquanto agentes produtores e receptores da linguagem. O entendimento acerca deste tema, segundo Bakhtin (2003), propicia uma interação mais profícua e eficaz com os indivíduos. Faz-se necessário elencarmos também as propriedades pelas quais o autor é conhecido, ou seja, o viés ideológico e social de sua teoria. Dessa forma, relacionado à linguagem, temos um indivíduo que se insere como sujeito ativo, no momento de efetuar seu discurso, em outras palavras, no instante em que produz enunciados.

Bakhtin (2003) ainda afirma que os gêneros são caracterizados, histórica e culturalmente consolidados, segundo fins comunicativos e propósitos definidos pelas condições sociais aos quais se referem. Neste sentido, o trabalho com gêneros textuais na sala de aula será benéfico se for trabalhado nessa perspectiva. Tal prólogo é importante por possibilitar a relevância dos gêneros para o ISD, vertente da qual se vincula este artigo.

Outro autor que reverbera o mesmo entendimento é Marcuschi (2005). Ao caracterizar os gêneros textuais, o pesquisador versa sobre os tópicos:

- realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas;
- constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
- sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações

concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função (2005, p. 23).

Da mesma forma, destacamos a ISD, que por sua vez, refere-se aos estudos teóricos oriundos da Universidade de Genebra, cujo enfoque é analisar a linguagem por meio dos gêneros textuais. Para Bronckart (2003): “A ação constitui o resultado da apropriação, pelo organismo humano, das propriedades da atividade social mediada pela linguagem” (p. 42). De acordo com um dos principais autores do ISD, é nítido o objetivo central deste programa de pesquisa em investigar a ação humana do ponto de vista psicológico, enquanto observa de que maneira o indivíduo interage na sociedade por meio do texto (aqui entendido como produto da ação de linguagem).

Segundo Cristóvão e Nascimento (2005), para a ISD:

O texto é considerado “unidade comunicativa” porque é determinado pela atividade que o engendra, e não pelas unidades linguísticas que o constituem. Nesta perspectiva, os estudiosos da linguagem extraem os fenômenos da linguagem com vistas a esse funcionamento: as formas composicionais, a expressividade, as escolhas dos recursos lexicais e semânticos dos enunciados determinados pela interação e pela enunciação, em uma abordagem que abrange as diferentes situações de produção de textos, incluindo-se a situação escolar (p. 44).

Assim, pode-se entender como sendo o objeto de estudo do ISD as condições de produção dos textos, levando-se em conta essas interações, ou seja, os gêneros. Devido ao caráter social, a ISD retoma os postulados de Vygostky (1987), representados pelos sistemas simbólicos manifestados na língua. Neste ínterim, consideramos a pertinência de abordar o papel do professor frente à ISD. Justificamos tal decisão devido à responsabilidade deste profissional em atuar no tocante ao ensino e suas particularidades, em especial, a de mediar o contato do aluno com as capacidades expressivas da língua.

Em relação ao desenvolvimento humano, é válido lembrar que o processo de aprendizagem está em constante formação ao longo da vida de qualquer pessoa, seja de ordem social, motora, afetiva ou cognitiva. Para Vygotsky (1991), o desenvolvimento é adquirido por meio de interações sociais, principalmente no âmbito escolar.

Partindo desta premissa, o sujeito faz uso de um “apoio” para se desenvolver, já que é preciso intervenções externas ou subsídios para que a evolução aconteça gradativamente. Vygotsky (1991) nomeia este “apoio” como Zona de Desenvolvimento Proximal (daqui por diante ZDP) e a define da seguinte maneira:

é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (p. 112).

Este será o ponto de partida para a aprendizagem, posto que o educador assume o papel de mediador entre o conhecimento a ser adquirido e o mundo em que o estudante vive. Nesta relação, estima-se a aprendizagem por meio das interações sociais, valorizando o contexto em que tais situações ocorrem e partindo do conhecimento que o pupilo já traz

consigo, a fim de prosseguir em sua aprendizagem futura.

Corroborando para este entendimento, Rego (1999), traz algumas considerações importantes sobre a relação entre a ZDP e a educação:

- o ensino efetivamente significativo se adianta ao desenvolvimento;
- a relevância do outro enquanto mediador durante as etapas de conhecimento, ação partilhada;
- a imitação enquanto instrumento de compreensão e
- professor mediador: tanto nas relações interpessoais quanto no que tange ao encontro do aluno com o conhecimento.

Contextualizando no patamar dos gêneros, vemos como o professor é capaz de transformar a linguagem em um instrumento pertinente de aprendizagem. Fazemos essa afirmação, por compreender a relevância do ambiente escolar em proporcionar o conhecimento institucionalizado aos discentes, tanto de aspectos formais quanto os de cunho informais de ensino.

Neste contexto educacional, o professor é o responsável por orientar o grupo a superar suas dificuldades, oferecendo recursos a turma para que alcancem um patamar mais elevado de aprendizado, por meio das interações que ocorrem durante as aulas. Essa relação torna-se ainda mais efetiva ao oportunizar a formação de grupos heterogêneos de trabalho, em que alunos com um grau maior de compreensão do conteúdo unem-se aqueles com dúvidas e dificuldade na assimilação da matéria. Isso ocorre, pois, estudantes em ZDPs distintas, elaboram e reelaboram suas percepções acerca do objeto de estudo de diferentes formas. Assim, instruídos pelo docente, aqueles trocarão diferentes impressões, resultando em bem-sucedidas reorganizações e reestruturações do entendimento do tema em foco.

Para que este ensino seja produtivo, o tópico a seguir tratará do gênero textual destaque deste artigo, o Diário Íntimo. Afinal, ao lidar com os conteúdos, seja ele qual for, é preciso que o profissional da educação tenha claro quais são os objetivos que pretende alcançar com sua intervenção pedagógica.

## **1.2 Diário íntimo: características e vantagens no ensino deste gênero**

[...] não é a relação de um sujeito solitário com algo no mundo objetivo que pode ser representado e manipulado mas a relação intersubjetiva, que sujeitos que falam e atuam, assumem quando buscam o entendimento entre si, sobre algo. Ao fazer isto, os atores comunicativos movem-se por meio de uma linguagem natural, valendo-se de interpretações culturalmente transmitidas e referem-se a algo simultaneamente em um mundo objetivo, em seu mundo social comum e em seu próprio mundo subjetivo (HABERMAS, 1984, p. 392).

Esta bela citação de Habermas (1984) abre este tópico, pois trata de uma das principais características do Diário Íntimo – a forma como o indivíduo indica a relação

que possui com o mundo por meio da linguagem. Mesmo com as particularidades sociais, econômicas, educacionais e sociológicas de cada ser humano, um diário deixa marcas, pistas linguísticas que dialogam de maneira indelével com o contexto pelo qual a escrita foi concebida.

Por isso, o papel do professor como mediador do conhecimento é fulcral, posto que auxiliará o discente a observar o que está ao redor, trazendo aspectos que, apesar de parecerem simples, se configuram como dados relevantes para a construção da identidade. Acrescentando esse fato à idade dos jovens estudantes deste estudo, temos a oportunidade de levá-los a reflexão sobre o que ocorre em seu entorno, quais as relações sociais que os envolvem e demais questões pertinentes a sua realidade.

Anna Rachel Machado estudou com muita propriedade o gênero diário de leituras em sua pós-graduação. Parte dos resultados de suas pesquisas gerou o livro “O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola”, publicado em 1998. Dele, retiramos alguns atributos presentes nos diários íntimos:

- um destinatário empírico normalmente ausente e percebido como “fora dos âmbitos da hierarquia e das convenções sociais”;

[...]

- a construção de um mundo discursivo temporalmente conjunto da situação de comunicação;

- a implicação do locutor, do tempo e do espaço da situação material de comunicação;

- a ausência de preocupação com os procedimentos de textualidade, isto é, com a conexão e a coesão, o que lhe confere a característica de fragmentado;

- objetivos múltiplos;

- a criação de um espaço que permite a constituição das subjetividades. (1998, p. 52-53)

Uma propriedade que se destaca diz respeito à ‘construção de um mundo discursivo temporalmente conjunto da situação de comunicação’, já que o autor de um diário geralmente se vale das memórias de situações vividas para redigir seu texto. Em conjunto com essa particularidade, temos ‘a criação de um espaço que permite a constituição das subjetividades’, que denota as impressões que o escritor possui dos fatos ou situações que ocorreram.

Além disso, vemos que os itens descritos pela autora mostram como o diário aproxima a escrita da oralidade, principalmente no item ‘ausência de preocupação com os procedimentos de textualidade’. Isso é válido, pois o diário é um gênero em que o produtor usualmente transmite seus pensamentos de maneira livre. Considerando ‘um destinatário empírico normalmente ausente’, há a construção de um diálogo interno, o que possibilita uma redação mais fluída e, portanto, sem a iminente apreensão de quem irá ler

o texto e muito menos sem a preocupação latente com normas gramaticais.

Neste sentido, é pertinente lembrar a diferença (nem sempre clara e definida) existente entre a fala e a escrita nos gêneros textuais. Marcuschi (1997) se destacou por indicar uma interessante explicação, a partir da seguinte proposição:

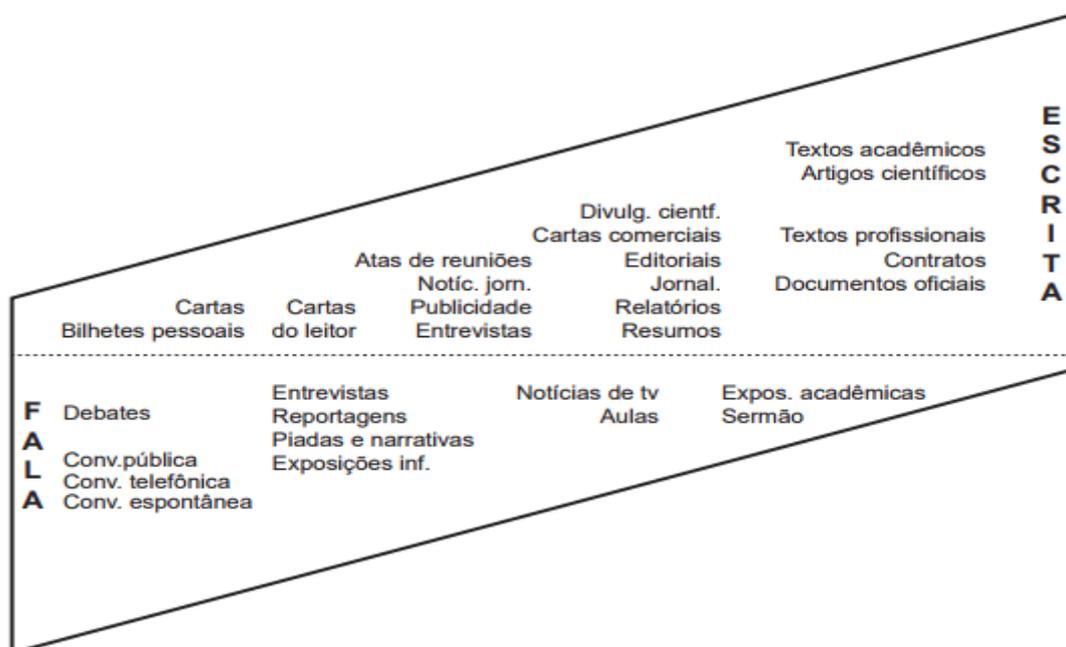


Figura 01 - Distribuição dos Gêneros Textuais no Contínuo (MARCUSCHI, 1997, p. 137)

Nela, os gêneros mais próximos à linha tracejada demarcam uma possível divisória entre os dois termos, em que debates, entrevistas e notícias de TV, por exemplo, são pertencentes à fala. Contudo, os mesmos também se localizam no limiar da escrita, posto sua transcrição antes ou após a sua realização. Outrossim, bilhetes pessoais, cartas do leitor, entrevistas (lidas em jornais ou revistas) e resumos estão no item escrita, mas ainda encontram pontos em comum com a fala, devido ao contexto de produção – físico e socio subjetivo da mensagem a ser transmitida.

O Diário Íntimo, conforme afirmamos anteriormente é outro gênero textual que possui essa dupla articulação. Como fruto da consciência do enunciador e geralmente sem um destinatário definido no momento da produção, a ocorrência de palavras e expressões típicas da oralidade (gírias e linguagem informal) aproximam, semelhantemente, fala e escrita em sua concepção.

Pelas características peculiares de cada gênero, nota-se que o docente deve se atentar a linguagem mais apropriada a ser utilizada pelos alunos em seus textos. Nem sempre a exigência da norma culta padrão da língua portuguesa em um gênero que esteja na fronteira entre a fala e escrita (carta pessoal, por exemplo) resultará em uma produção ‘natural’ – no sentido já indicado nos parágrafos anteriores. Igualmente, ao tratar de um seminário expositivo, é preciso instruí-los nas duas vertentes, ou seja, como apresentar-

se oralmente frente ao tema e também na redação dos slides ou resumo a ser entregue aos colegas, a fim de que o diálogo ocorra eficazmente.

Assim, quando o gênero, temática principal deste artigo, for usado como mediador entre o conteúdo e o estudante, fica claro como a linguagem é apropriada pelo sujeito. Para Dolz, Gagnon e Decândio (2010), o gênero torna-se um instrumento didático, posto que

[...] age como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares. Instrumento de ensino, fixa significações sociais complexas referentes às atividades languageiras. Orienta a realização da ação languageira, tanto do ponto de vista dos conteúdos, que lhe são próprios e dizíveis por ele, quanto do ponto de vista da estrutura comunicacional e das configurações de unidades linguísticas a que ele dá lugar (sua textualização) (2010, p. 44).

Este instrumento, aqui versado na prática do gênero Diário Íntimo, atua como prática social quando propõe a ruptura dos muros escolares, no momento que a criança mobiliza saberes aprendidos na escola para descrever ações que praticou fora do ambiente escolar. Por todo o exposto, corroboramos com os dizeres de Dolz e Schneuwly (2004), ao afirmarem que o gênero ainda atua como megainstrumento didático, visto suas propriedades como instrumento que auxilia o entendimento da língua como um todo. Por esse motivo, é valoroso que prossigamos completando tais atributos, agora acerca das vantagens de trabalhar com o diário na sala de aula. Neste âmbito, trazemos Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2007), que destacam:

- a possibilidade de serem mais facilmente detectadas as dificuldades individuais de cada aluno, o estado real de seus conhecimentos, o que permite que eles sejam auxiliados de forma mais consistente e que o curso seja reestruturado, de acordo com suas reais necessidades;
- o desenvolvimento de um aprendizado autônomo, que encoraja os alunos a assumirem responsabilidades diante de seu próprio aprendizado e a desenvolverem suas próprias ideias;
- o aumento da confiança dos alunos em sua capacidade de aprender e, finalmente, uma discussão mais produtiva na sala de aula;
- o desenvolvimento de um espírito crítico derivado da responsabilidade e da confiança finalmente desenvolvidas e, em consequência, uma discussão de ideias muito mais produtiva em sala de aula do que com os exercícios tradicionais. (2007, p. 114-115)

As particularidades do diário viabilizam que o aluno escreva sem ‘amarras’, devido ao assunto do Diário Íntimo circundar, de forma geral, a própria vida e ações que o estudante efetuou, dentre outras questões de ordem pessoal. Ao compor um texto daquilo que lhe diz respeito, espera-se que a fruição da escrita ocorra com mais facilidade.

Outra consequência atrativa versa sobre a reflexão. Quando o estudante relembra os fatos para registrar no papel, as memórias reavivam sentidos, impressões, sentimentos e emoções. Estas, conseqüentemente, suscitam a chance de reviver o que se passou e culmina no raciocínio, ou seja, no ato de pensar sobre o que aconteceu em sua existência.

Por fim, depois dessa viagem ao seu interior e de posse da redação, temos o retorno a sala de aula. Caso o estudante se sinta a vontade para compartilhar sua história com a turma e o professor, percebemos que ele se sente seguro com o grupo e seus próprios sentimentos. O que auxiliará no trabalho da escuta atenta da sala e no desenvolvimento da empatia do grupo. Neste sentido, destacamos ainda mais a responsabilidade do docente em acolher seu pupilo, com respeito pelas vivências e o material escrito que desenvolveu – este, um riquíssimo instrumento, que mostrará um verdadeiro raio-X da escrita, de como ele compreende a linguagem e do que ainda precisa ser ensinado para superar suas dificuldades com a mesma.

Neste ponto da tessitura, pedimos licença para retomar a ISD, segundo Machado (2005):

... o que os autores do ISD consideram como 'ensinar gêneros', na verdade, não significa tomá-los como objeto real de ensino e aprendizagem, mas como quadros da atividade social em que as ações de linguagem se realizam. O objeto real de ensino e aprendizagem seriam as operações de linguagem necessárias para essas ações, operações essas que, dominadas, constituem as capacidades de linguagem. (2005, p. 27)

Ao longo destas páginas, já elencamos vários conceitos tratados pela autora. Antes de passarmos ao próximo tópico, contudo, falaremos brevemente sobre as capacidades de linguagem, caracterizadas pelos conhecimentos que o aluno precisa ter para efetuar a ação linguageira com propriedade – não esquecendo, é claro, da mediação do professor na relação entre o discípulo e o conhecimento.

Dolz e Schneuwly (2004) afirmam que as capacidades de linguagem são divididas em três funções:

- Capacidades de ação: É a infraestrutura geral, o plano global do texto. Levanta hipóteses sobre o contexto da ação de linguagem, em relação aos aspectos físicos (emissor, receptor, lugar físico e tempo) e sociossubjetivo (enunciador, destinatário, instituição social e objetivos).
- Capacidades discursivas: Relativas ao nível discursivo, relacionam-se aos mecanismos de textualização, como tipos de discurso (interativo, teórico, relato interativo e narração), sequências e mobilização do conteúdo temático.
- Capacidades linguístico-discursivas: Referem-se aos mecanismos de textualização (conexão, coesão nominal e coesão verbal) e mecanismos enunciativos (gerenciamento de vozes e modalizações).

Para efetuar a análise das redações coletadas, observaremos o que foi tematicamente trazido pelos estudantes. Os textos serão investigados à luz do folhado textual de Bronckart (2003), divididos em: infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Estes itens serão verificados com mais propriedade no terceiro tópico deste presente artigo.

## 2 | METODOLOGIA

O enfoque deste item será a caracterização do grupo de alunos que participou desta investigação empírica, oriundos do 5º Ano do Ensino Fundamental, além de apresentar outras informações correlatas. Elencamos neste item a descrição do grupo de pesquisa, bem como os motivos que levaram a escolha desse gênero e procedimentos metodológicos utilizados nas redações.

A unidade escolar na qual foram coletados os textos do Diário Íntimo é situada na zona sudoeste do município de Votuporanga, cidade localizada a noroeste do estado de São Paulo. O local está próximo à rodovia Péricles Belini, em uma vizinhança de classe econômica baixa. Atende, também, crianças de bairros construídos pela administração municipal, para atender pessoas que se encontravam em moradias de risco na cidade (Residencial Noroeste e Monte Verde), além daqueles que residem na Zona Rural. Tanto os estudantes dos bairros mencionados quanto os sitiantes possuem direito a transporte gratuito para frequentar a unidade escolar.

A clientela também se caracteriza como itinerante, devido à grande procura de famílias vindas dos estados do nordeste (notadamente Maranhão e Bahia) para trabalhar em serviços temporários. O fluxo de alunos matriculados e que se transferem para outros bairros ou cidades é grande ao longo do ano devido, principalmente, ao período de safra e entressafra da cana-de-açúcar. O nível escolar destes pais geralmente é de Ensino Fundamental completo; poucos possuem Ensino Médio e ou Ensino Superior. As profissões mais encontradas entre os familiares são: funcionários de indústrias, usinas, comércio e autônomos.

Tratemos agora de citar dados relativos à aprendizagem dos discentes dessa escola. Os dados abaixo se referem à avaliação feita pelo Ministério da Educação (MEC) denominada PROVA BRASIL. Realizada com os estudantes do 5º ano (a partir dos dez anos de idade), aplica uma mesma avaliação a todos os alunos do país.

Os últimos resultados disponíveis na plataforma apontam o seguinte escore:



Escola	Ideb Observado							Metas Projetadas							
	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
	5,4	6,4	6,2	6,2	5,7	5,9	5,7	5,4	5,7	6,1	6,3	6,5	6,8	7,0	7,2

Obs:  
\* Número de participantes no SAEB insuficiente para que os resultados sejam divulgados.  
\*\* Sem média no SAEB 2017. Não participou ou não atendeu os requisitos necessários para ter o desempenho calculado.  
Os resultados marcados em verde referem-se ao Ideb que atingiu a meta.

Pesquisar Novamente

Atualizado em 30/08/2018

Figura 02 – IDEB da escola em que foram coletadas as redações

Fonte: Plataforma do IDEB Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=3125360>>

Acesso em: 20/01/2020

É possível verificar que a escola estava acima da média em 2007, 2009 e 2011; contudo, as notas declinaram desde 2013. Os dados apresentados neste tópico são importantes, uma vez que demonstram que a questão do êxodo estudantil já citado, influencia na aprendizagem dos alunos. Fazemos esta afirmação, posto que a chegada e transferência de crianças durante o ano letivo escolar prejudicam a sequência do trabalho docente, já que não permite a continuidade natural dos conteúdos para esses estudantes.

De posse destas informações, passamos a descrever as motivações da proposta. A escrita de redações faz parte da rotina dos discentes do 5º ano A e B, às quartas-feiras. O motivo principal do trabalho com gêneros, diz respeito ao fato das crianças serem muito apáticas, posto a fraca participação oral durante as aulas. Além disso, alguns alunos têm muitas dificuldades ortográficas e até mesmo de alfabetização, o que os leva a recusa em escrever, em ambas as turmas.

Neste sentido, destacamos ainda os três princípios didáticos, trazidos por Dolz e Schneuwly (2004), que norteiam a escolha de um gênero, a saber, o princípio da legitimidade; o princípio de pertinência e o princípio de solidarização. Justificamos ainda a decisão em tratar de gêneros da ordem do “relatar”, devido à proximidade destes com a realidade do educando, já que são práticas em que os estudantes se sentem familiarizados, tais como: relato de experiência vivida, anedota ou caso, notícia, reportagem, relato histórico, bigrafia (dos autores que estudam no material apostilado), dentre outros.

Posto isso, os gêneros trabalhados versavam a utilização do diálogo com o outro. Desde o início, as docentes das duas salas trabalharam em conjunto com o bilhete pessoal (cada aluno escolheu um colega da sala ao lado para redigir um bilhete, que foi respondido e entregue de volta à criança). Em seguida, o gênero carta (cujo objetivo foi auxiliá-los a escolherem um ponto turístico fora do estado de São Paulo e posteriormente redigirem uma carta para o local, solicitando cartões postais e folhetos turísticos).

Ao observar uma efetiva melhora na comunicabilidade ao longo dos primeiros meses de aula (em especial após a chegada da resposta das correspondências aos outros estados), as professoras pensaram que seria produtivo apresentar a proposta do diário íntimo, para possibilitar uma forma dos alunos se atentarem a realidade em que vivem, refletindo sobre a vida e suas escolhas pessoais, aumentando ainda mais a expressividade das suas opiniões sobre os fatos.

Devido à dificuldade de escrita e de compreensão de comandas, as professoras propuseram um Diário Coletivo para cada sala, em um caderno brochura de tamanho grande, como o local onde os textos seriam escritos. Após prepararem o caderno, as docentes pesquisaram dicas de como redigir uma redação e principais características do gênero diário, digitaram as informações e colaram-nas na primeira folha dos respectivos cadernos.

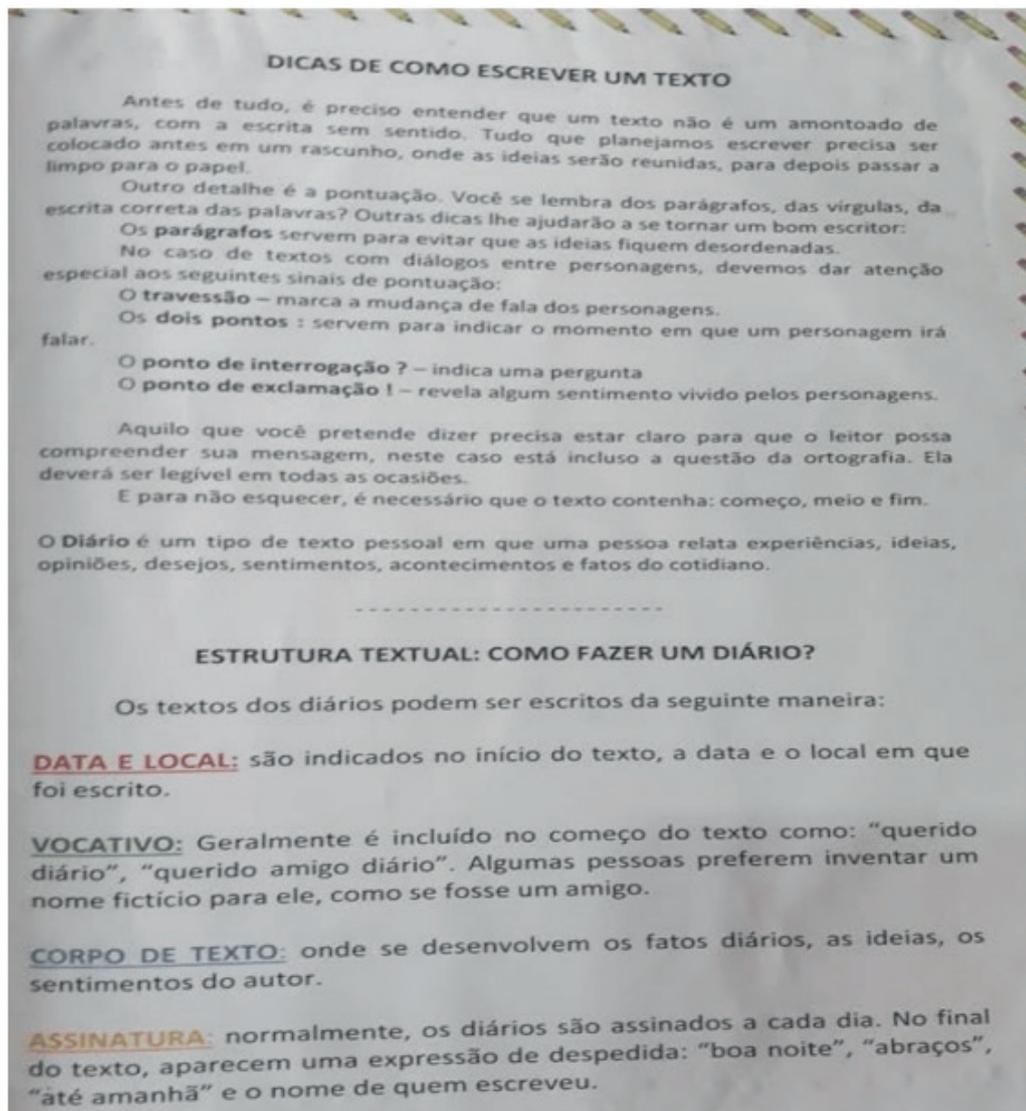


Figura 03 – Dicas de como escrever um texto (1ª folha do Diário Coletivo – 5º Ano B)

O próximo passo realizado foi a leitura e explicação das dicas para os alunos, deixando claro que eles poderiam consultá-las quando levassem o caderno para casa. Após essa etapa, as professoras apresentaram as crianças várias capas de diários e agendas de viagens, utilizando o recurso da Lousa Digital. Dessa forma, elas perceberam que é possível utilizar a escrita para redigir suas memórias, além de perceber que muitos adultos, tanto homens quanto mulheres fazem uso do diário – um fato desconhecido por muitos estudantes.

Por fim, as docentes leram o que haviam redigido sobre o próprio final de semana no diário, como forma de incentivá-los a também deixarem suas lembranças no caderno e efetuaram alguns “combinados” com a turma:

- a cada sexta-feira, um aluno era responsável por escrever sobre o seu final de semana, levando consigo o caderno de registro;
- o diário coletivo era devolvido à professora na semana seguinte (preferencialmente às segundas-feiras);
- se quisesse, o estudante poderia compartilhar com a sala o que havia redigido no

caderno.

Os resultados encontram-se descritos na etapa seguinte.

### 3 | ANÁLISE DOS DADOS

Mediante o contexto outrora apresentado, a partir de abril, os estudantes seguiram as instruções outrora acordadas e sucessivamente, escreveram suas redações desta proposta ao longo do ano letivo, sem interferências acerca de questões ortográficas, regências nominais e verbais, para preservar a integridade das informações coletadas nesta atividade. As produções escritas que compõem este corpus de pesquisa geraram um banco de dados com vinte e três redações, a quantidade de alunos do 5º ano B.

Todos os discentes concordaram em redigir no Diário Coletivo, e de maneira geral, respeitaram as regras de devolver o caderno no prazo estipulado. Eventualmente, ocorreram contratempos de crianças que faltaram na data em que deveriam levar ou devolver o caderno. Contudo, essas circunstâncias não impossibilitaram a execução das atividades.

Conforme anunciado ao final da parte teórica deste texto, nos atentaremos, de acordo com o folhado textual descrito por Bronckart (1999) se, de acordo com as hipóteses do gênero, os alunos se apropriaram do diário íntimo ao descrever o final de semana. Além disso, outra hipótese é se a escrita da professora responsável pelo 5º ano B no início do diário influenciou a redação das crianças.

Para efetuar o proposto acima, recortamos o corpus de vinte e três textos para cinco, intitulado-os, respectivamente de Texto 01, Texto 02, Texto 03, Texto 04 e Texto 05. Os tópicos analisados serão:

- infraestrutura geral do texto: composto “pelo plano mais geral do texto, pelos tipos de discurso que comporta, pelas modalidades de articulação entre esses tipos de discurso e pelas sequências que nele eventualmente aparecem” (BRONCKART, 1999, p. 120);
- mecanismos de textualização: responsáveis pelos itens de conexão e coesão nominal e verbal, articulando a progressão temática do texto (BRONCKART, 1999, p. 122-129) e
- mecanismos enunciativos: De acordo com Bronckart (1999, p. 321-330) agem “quase que independentemente da progressão do conteúdo temático e, portanto, não se organizam em séries isotópicas; [...] eles servem, sobretudo, para orientar a interpretação dos destinatários”.

Para tornar mais clara a visualização dos resultados, efetuaremos quadros comparativos dos dados, conforme seguem as análises.

### 3.3 Infraestrutura geral do texto

Os tópicos analisados deste item tratam do plano global do texto, tipos de discurso e sequências que os constituem, respectivamente. O contexto sócio-histórico mais amplo diz respeito ao ano de 2018, notadamente desde abril até novembro, período em que o diário foi redigido pelos alunos do 5º ano. Dessa forma, resumidamente, os principais eventos de destaque ocorridos (ou bastante repercutidos) no Brasil durante esse período foram:

- Abril: prisão do ex-presidente Lula, decretada pelo então juiz, Sérgio Moro;
- Maio: realização da greve dos caminhoneiros, cuja paralisação durou dez dias, prejudicando praticamente todos os serviços e transportes dentro do território nacional;
- Junho / julho: ocorreu a Copa do Mundo de futebol, na Rússia;
- Agosto: confrontos com os venezuelanos que migraram para o Brasil, em especial para as regiões que fazem fronteira com a Venezuela, como a cidade de Pacaraima, em Roraima;
- Setembro: incêndio que destruiu o Museu Nacional no Rio de Janeiro, que abrigava um acervo com cerca de 20 milhões de peças históricas de valor inestimável, como a coleção egípcia, (adquirida pelo imperador Dom Pedro I), a coleção de arte e artefatos greco-romanos da Imperatriz Teresa Cristina e o mais antigo fóssil humano brasileiro (batizado de Luzia);
- Outubro: a realização das eleições presidenciais, cujo vencedor foi Jair Bolsonaro (do partido PSL), no segundo turno e
- Novembro: questões políticas levaram ao término da parceria com Cuba, resultando no fim do Programa “Mais Médicos”.

É interessante mencionar que, apesar dos discentes terem entre dez e onze anos, e, portanto, muito jovens para observar os efeitos dos fatos citados acima, um deles, autor do Texto 02, mencionou os jogos da Copa do Mundo em sua redação, na escrita no dia 22 de junho:

Texto 02	“Eu <b>assisti o jogo do Brasil</b> , e mexi no celular e brinquei de arminha com o meu irmão no celular (...) E depois eu fui <b>assistir o jogo da Nigéria</b> , e também eu tomei sorvete...”
----------	--

Quadro 01 – “Contexto sócio-histórico mais amplo”

Esse dado nos mostra que, mesmo sendo novos, alguns estudantes relacionam fatos vividos com informações externas do que ocorre a sua volta. Devido às férias escolares de julho serem concomitante ao período da Copa do Mundo (mês em que o Caderno Coletivo ficou no armário da escola), não ocorreram mais citações aos jogos. Afinal, as

aulas retornaram após a realização do evento futebolístico e, portanto, não fora mais mencionado pelos alunos.

No que tange ao plano global de texto e o caráter hierárquico da organização textual, é válido lembrar que o discurso está linguisticamente marcado no texto. Dessa forma, afirmamos que o gênero textual diário íntimo foi respeitado pelos discentes em todos os textos analisados. Fazemos essa afirmação, pois as características de data da escrita, redação de eventos ocorridos no passado e descrição do final de semana foram seguidos à risca pelo grupo.

Em relação aos temas trazidos pelos textos, todos fizeram referências às ações que executaram na sexta-feira, sábado e domingo. Para observar se a redação da professora influenciou ou não a escrita dos alunos, trouxemos a seguir os temas citados:

Texto redigido pela professora da turma	Retomou o contexto de sala de aula da sexta-feira e tratou sobre uma breve viagem realizada nesse dia. Elencou ações que efetuou no sábado e domingo, além de fatos envolvendo familiares. Registrou o horário dos principais acontecimentos.
Texto 01	Relatou eventos ocorridos entre sábado e domingo. Citou a gravidez da mãe, o fato da mesma ter que fazer repouso e como ele e o padrasto limpavam a casa e receberam a visita dos avós.
Texto 02	Falou sobre os dois jogos da Copa do Mundo que assistiu na TV, jogos que brincou via celular, ações cotidianas que realizou, dentre outros fatos realizados na sexta-feira.
Texto 03	Descreveu passeios e eventos em família realizados durante o final de semana. Escreveu a primeira redação do ano de 2018 no diário (relato do dia 23/08), posto que antes dessa data, se recusava a escrever textos na sala de aula.
Texto 04	Comentou acerca da rotina pós escola, atividades que realizou no sábado e domingo, além dos canais que segue no YouTube.
Texto 05	Descreveu a rotina da escola às sextas-feiras – em relação ao hasteamento da bandeira, correção da tarefa e atividades escolares. Foi a única aluna da turma que não descreveu fatos externos à escola.

Quadro 02 – “Plano global de texto”: Temas trazidos pelos textos

Após observar os temas, vemos que o relato produzido pela professora influenciou parcialmente a escrita dos alunos, posto que alguns citaram o horário dos fatos (quando saiu de casa, que horas levantou da cama). Contudo, vários temas foram escritos espontaneamente – nome dos alimentos que degustaram, lugares que passearam, brincadeiras que fizeram para se divertir, por exemplo. Esses itens não constam na redação da docente, mostrando a individualidade dos discentes em escrevê-los.

A autora do Texto 05, no entanto, foi a única que fugiu ao padrão, redigindo fatos ocorridos dentro da escola na sexta-feira, ao invés de relatar eventos vivenciados fora do contexto escolar. Questionada sobre o porquê de sua escolha, a aluna respondeu que não havia feito ‘nada de diferente’ durante o sábado e domingo, ficando em casa o tempo todo. Assim, achou por bem descrever o que fizera dentro do local de estudos, a escola.

Outro tema deste ponto diz respeito ao tipo de discurso utilizado. Como era esperado, os discursos implicado e disjuntivo foram os mais utilizados, posto que indicam a presença do ‘eu’ nos eventos realizados ou sofridos pelos próprios alunos em praticamente todas as redações.

Texto 01	“Querido diário, hoje <b>eu acordei</b> 06:30, <b>escovei os dentes</b> e <b>fui</b> buscar pão com meu padraço de bicicleta, meu padraço <b>levou nossos</b> cachorros para passear a Neve e o Bob.”
Texto 04	“Toda semana depois que <b>eu chego faço a tarefa e mexo</b> no celular e depois que <b>eu cheguei eu e minha família fomos</b> comer cachorro-quente e no sábado <b>comemos</b> pizza de calabresa.”
Texto 05	“ <b>Nós</b> cantamos o hino nacional <b>fomos</b> para a sala com <b>nossa</b> professora (...) <b>nós fez</b> o caderno de classe, <b>copiamos</b> apostila, páginas 4, 6, 7, 10 e 11(...) e <b>eu almocei e fui</b> embora da escola. Fim!!!”

Quadro 03 – “Tipos de discurso”: Discursos implicado e disjuntivo

Ainda temos as sequências textuais de cunho narrativo, posto que se tratam histórias ocorridas com o grupo. É pertinente apontar que a sequência textual narrativa faz a apresentação de eventos que se passam com determinadas pessoas em um espaço definido, dentro de um prazo temporal. Devido às características do gênero Diário Íntimo, de maneira geral, todos os estudantes utilizaram essa forma textual em seus relatos. A seguir, trazemos a segunda camada textual da análise.

### 3.4 Mecanismos de Textualização

Neste âmbito, tratamos dos mecanismos de manutenção da coesão temática trazidos pelas crianças. A coerência verbal é garantida pela utilização dos tempos verbais, na sua maioria em pretérito perfeito e pretérito imperfeito, na primeira pessoa do singular, posto se referir a fatos ocorridos no passado. Eventualmente, há verbos em primeira pessoa do plural e também de terceira pessoa, posto que indicam quem estava com os alunos na execução dos fatos (padraço, irmão, mãe, avó, dentre outros) e as atividades que fizeram juntos.

A coesão nominal, por sua vez, ocorre pelo uso dos termos temporais “quando”, “então” e “depois”, por exemplo. Estes ocasionam o avanço da sequência narrativa e marcam as estruturas convencionais de temporalização.

Texto 01	“ <b>Quando</b> chegamos em casa minha mãe ainda <b>estava dormindo</b> , <b>então</b> foi acordá-la para tomarmos café da manhã (...) <b>De noite</b> mamãe <b>fez</b> macarronada com salsicha e carne moída, minha comida preferida.”
Texto 03	“Eu <b>fui</b> no parque (...) <b>fui</b> na biblioteca (...). <b>No outro dia</b> , a minha vó chegou ...”

Quadro 04 – “Coesão Verbal e Nominal”: exemplos

Já os organizadores conectivos são responsáveis por ligar duas frases ou dois grupos nominais. Tivemos poucas ocorrências desta natureza, posto o desconhecimento dessa forma de expressão. Apesar deste fator de ordem curricular, é válido observar que muitos alunos conhecem a parataxe, comprovado pela presença de conjunções aditivas e explicativas, conforme apontam alguns exemplos das orações coordenadas sindéticas abaixo:

Texto 02	“ <b>E depois</b> eu fui assistir o jogo da Nigéria, <b>e também</b> , eu tomei sorvete de chocolate (...) <b>E depois</b> eu fui comer comida, eu comi carne, arroz.”
Texto 03	“(…) chegou na minha casa <b>e</b> contou estória (...) <b>e</b> fez comida para eu.”
Texto 04	“... <b>porque</b> o cachorro entrou ...”
Texto 05	“... me arrumei <b>para</b> ir a escola”

Quadro 05 – “Conectivos”: exemplos

Aproveitamos o ensejo para lembrar que as séries iniciais apresentam as conjunções (notadamente no 4º e 5º ano do Ensino Fundamental I da escola pública) aos alunos de forma simples, visto que o aprofundamento desse tópico ocorre nas séries posteriores, no Ensino Fundamental II. Finalizando a análise, veremos o último tópico do folhado textual.

### 3.5 Mecanismos enunciativos e semânticos

Ao adentrarmos na esfera enunciativa, verificamos as vozes existentes nas amostras das redações e os sentidos depreendidos dessa escolha lexical, ou seja, os itens que se referem à coerência pragmática do texto. Inicialmente, identificamos várias vozes enunciativas, em especial a voz de personagem, cuja característica principal é ser implicada como voz de seres humanos na qualidade de agente. Praticamente todas as redações apresentaram este segmento, posto se tratar em textos na primeira pessoa gramatical, em que o enunciador assume o personagem que se apresenta no texto.

No entanto, outras vozes também se fazem presente, como a voz do autor (ocorre quando o escritor faz comentários ou julgamentos daquilo que se é enunciado). Contudo, não foram observados casos de voz social nos textos analisados.

Voz de personagem Texto 02	“ <b>E voltei</b> para casa <b>e tomei</b> um banho e <b>se troquei</b> para ir na festa junina da igreja e <b>foi o meu dia</b> na sexta-feira.”
Voz do autor Texto 01	“(…) e andei bastante de bicicleta, fui ver o trem passar, ele é muito grande, <b>queria um dia poder</b> entrar em uma cabine e ver como funciona tudo ali.”

Quadro 06 – “Vozes Enunciativas”: exemplos

Novamente retomamos a idade dos alunos como fator que apresenta a pouca variedade da voz enunciativa. Apesar disso, notamos que o trabalho com diversos gêneros da esfera do “relatar” foi benéfico para proporcionar uma significativa melhora na expressividade dos estudantes, o que justifica, novamente, o uso do diário e a oportunidade para que, na escrita, se expressem acerca dos temas do cotidiano.

Por se caracterizar em uma escrita redigida em primeira pessoa sobre fatos do passado, vemos que algumas crianças registraram suas impressões pessoais e opiniões acerca das ações efetuadas. Neste sentido, relatamos a presença de duas formas de modalizações na amostra deste artigo, conforme atestam os itens a seguir:

Pragmático Texto 01	“(...) eu e meu padrasto ajudamos a mamãe limpar a casa, porque ela está grávida e <b>não pode</b> fazer esforço...”
Apreciativa Texto 04	“Entrei no YOUTUBE e vi o canal do Matheus e eu vi as piadas dele (...) <b>eu comecei a dar risada</b> ele tem 81 escrito eu estou no canal dele é legal os vídeos dele (...)”

Quadro 07 – “Modalizações”: exemplos

Ao se exporem de maneira respeitosa, vemos que temas como cidadania e respeito ao próximo são tratados de forma natural dentro da sala de aula. É válido observar que, em uma etapa de desenvolvimento cognitivo e mudança da infância para a adolescência, como é a fase em que os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I estão passando, destacamos a importância de se comunicarem em todas as formas de expressão, se observados os itens descritos acima.

Outro aspecto relevante foi o fato de todos, sem exceção, concordarem em compartilhar com os demais colegas e a professora, os fatos descritos no diário. Mesmo entendendo a questão pessoal deste tipo de escrita, os estudantes se sentiram confortáveis em relatar o que fizeram durante o final de semana para o grupo. O contexto de escola da periferia faz com que muitos alunos do 5º ano não tenham Internet em casa, e conseqüentemente, nem mesmo contas nas redes sociais, como Facebook e Instagram, por exemplo.

Assim, observamos que os discentes viam a exposição de sua vida íntima como algo positivo, um desejo de tornar público eventos de ordem particular. Visto que vários estudantes se encontram na mesma realidade socioeconômica, percebemos o grande respeito ao próximo durante a leitura do colega que escrevera no diário.

Além disso, eram feitos comentários (tanto positivos quanto negativos), manifestações como risadas nas passagens engraçadas ou inusitadas, ou então lamentos durante a leitura de algo considerado triste ou ‘chato’ que ocorrera com o estudante no final de semana. Relacionamos essa ‘empatia coletiva’ ao mesmo efeito causado pelos comentários e reações (emoticons) existentes nas redes sociais, em que os ‘expectadores’ demonstram

suas reações ao lerem o que é postado.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo os parâmetros de Bakhtin e fundamentado na Didática das Línguas da Universidade de Genebra, o presente trabalho trouxe a descrição de uma atividade realizada em uma sala de 5º ano do Ensino Fundamental em uma escola da cidade de Votuporanga, interior do estado de São Paulo. Os alunos redigiram sobre o final de semana, a partir das orientações do Diário Íntimo.

A releitura teórica relacionou gêneros textuais com a proposta da ISD, no tocante ao ensino com a utilização de práticas de ensino que oportunizassem a expressão da linguagem, de acordo com os objetivos comunicacionais do gênero. Para efetuar este objetivo, apresentou ainda as principais características deste, além de indicar as vantagens em utilizá-lo na sala de aula.

Também delineamos os contornos metodológicos deste trabalho, para que tanto os agentes participantes da pesquisa quanto os textos coletados estejam contextualizados frente às temáticas teóricas já apresentadas no tópico anterior. Reiteramos a necessidade de traçar o perfil do grupo escolar, bem como o da comunidade que o rodeia, para compreendermos melhor sobre o contexto de produção em que os textos foram produzidos.

Nesse espaço, foi destacada ainda a dificuldade inicial dos alunos, detectada pelas professoras, na falta de interação e comunicação dos estudantes das duas turmas de 5º ano. Para superar essa dificuldade, ambas decidiram trabalhar gêneros que tratassem da interação entre pares, com a “documentação e memorização das ações humanas” (DOLZ E SCHNEULWLY, 2004, p. 51), a princípio com bilhetes pessoais, posteriormente com carta e depois, com o diário.

Nas análises, observamos que as características principais do gênero Diário Íntimo foram respeitadas, tais como:

- descrição de eventos vivenciada pelo autor, relatados na primeira pessoa gramatical;
- utilização de verbos redigidos no pretérito perfeito e imperfeito, visto se tratar de fatos já ocorridos;
- no que tange à coesão, a desejável inclusão de conectivos e expressões nominais que garantissem um fluxo de ações contínuas no tempo passado.

Dessa forma, a redação inicial redigida pela professora da turma influenciou parcialmente as produções, posto que auxiliaram as crianças a terem um padrão de escrita. Isso foi importante principalmente nos casos dos alunos que não estavam habituados a redigirem textos, e que, a partir da proposta do diário, sentiram-se confiantes para escreverem suas redações. Outro auxílio proposto foi a apresentação de dicas para a escrita, no formato de uma folha inicial que os auxiliou a escreverem de forma autônoma.

Os estímulos externos neste caso são importantes, porque oferece a autoconfiança

para o discente se sentir resguardado no ambiente escolar. Por este motivo, a integração do professor com o alunado ocasiona a formação de atitudes e valores construtivos que trazem segurança e propiciam a autonomia do estudante.

Haja vista que este artigo trouxe intervenções pedagógicas de gêneros da ordem do relatar, seria interessante investigar em pesquisas posteriores, como oportunizar situações de aprendizagens em outras esferas do agrupamento de gêneros, como narrar, expor, argumentar e descrever ações, por exemplo. Tais trabalhos configurariam pertinentes materiais de estudo para professores que queiram aprofundar seus conhecimentos na área do ISD ligado ao ensino de línguas. Ao adaptar as intervenções didáticas e pedagógicas apresentadas aqui, as opções apresentadas são aptas a serem trabalhadas tanto no Ensino Fundamental II quanto no Ensino Médio.

Afinal, o ISD versa sobre um agente ativo, capaz de aprender a adquirir conhecimento a partir da mediação com o outro. O fruto da produção textual é naturalmente, a materialização desta interação. Conseqüentemente, a função do professor na atualidade é promover um ensino democrático, que não discrimine e nem exclui as diferenças; antes, cria oportunidades para o diálogo franco e acolhedor na sala de aula.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. Gêneros discursivos. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um Interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Raquel Machado. São Paulo: EDUC, 2003.

CRISTOVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. Gêneros textuais e ensino: contribuições do interacionismo sócio-discursivo. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005. p. 35-59.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, J.; GAGNON, R.; DECÂNDIO, F. *Produção escrita e dificuldades de aprendizagem*. Adaptação de Joaquim Dolz e Fabrício Decândio e tradução de Fabrício Decândio e Anna Rachel Machado. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

HABERMAS, J. (1984). *The theory of communicative action. Vol 1. Reason and the rationalization of society*. Boston, Beacon Press.

MACHADO, A. R. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005, p.237-259.

\_\_\_\_\_. *O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. *Trabalhos de pesquisa: diários de leitura para a revisão bibliográfica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

\_\_\_\_\_. Oralidade e escrita. *Signótica*, n. 9, p. 137, 1997 (adaptado).

REGO, T. C. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

VIGOTSKI, L. S. *A Formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. (1987). *Mind in Society*. Cambridge, MA. Harvard University Press.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alfabetização 1, 2, 3, 6, 7, 43, 97, 173, 253, 254, 261

Alunos 6, 7, 11, 12, 14, 15, 17, 18, 22, 24, 27, 28, 29, 34, 35, 37, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 77, 78, 81, 82, 83, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 104, 105, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 122, 125, 127, 128, 129, 130, 134, 138, 140, 144, 146, 147, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 166, 169, 173, 177, 178, 181, 182, 189, 190, 191, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 215, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 233, 234, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 260

Aprendizagem 3, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 21, 23, 27, 28, 29, 30, 36, 37, 41, 42, 43, 52, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 79, 81, 82, 84, 87, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 101, 107, 109, 110, 111, 112, 116, 117, 118, 119, 122, 125, 126, 127, 130, 134, 135, 138, 139, 141, 144, 145, 146, 147, 148, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 160, 161, 166, 167, 172, 174, 179, 182, 184, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 209, 210, 211, 215, 216, 217, 219, 225, 235, 237, 244, 248, 250, 252, 253, 254, 255, 256, 258, 260, 262

Avaliação 42, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 72, 73, 78, 79, 95, 102, 104, 106, 116, 117, 120, 128, 130, 133, 156, 164, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 190, 194, 196, 200, 205, 206, 207, 209, 210, 216, 217, 218, 219, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 245

### C

Cinemática 163, 164, 165

Computador 9, 10, 11, 12, 15, 16, 18, 21

Cuidadores 121, 122, 123, 127, 128

Currículo 12, 20, 68, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 81, 85, 109, 131, 145, 154, 157, 178, 187, 191, 261, 263

### D

Deficiência Visual 87, 154, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 211

Desempenho Acadêmico 175, 176, 177, 178, 179, 181, 182

Diário Íntimo 34, 37, 39, 40, 42, 43, 45, 47, 48, 51

Diversidade 61, 74, 75, 77, 81, 110, 111, 130, 134, 140, 152, 154, 155, 157, 158, 159, 161, 162, 189, 201, 203, 217

### E

Educação 2, 5, 8, 9, 10, 11, 20, 21, 22, 23, 32, 42, 60, 61, 62, 63, 64, 70, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 112, 119, 124,

125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 143, 144, 145, 148, 149, 151, 153, 154, 159, 160, 161, 162, 163, 174, 175, 176, 178, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 193, 197, 198, 199, 200, 201, 203, 211, 213, 215, 218, 225, 226, 227, 228, 230, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 249, 250, 251, 253, 254, 257, 259, 261, 262, 263

Educação Infantil 11, 14, 21, 23, 58, 75, 79, 125, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 154, 161

Ensino-Aprendizagem 9, 10, 12, 27, 111, 116, 119, 122, 158, 172, 202, 207, 211, 237, 244, 250

Ensino de Biologia 110, 112

Ensino de Física 164, 169

Ensino de Genética 110, 111, 119

Ensino de Química 199, 200, 201, 211, 212

Ensino Fundamental 14, 34, 42, 49, 50, 51, 52, 69, 70, 75, 77, 79, 80, 84, 97, 108, 122, 131, 152, 154, 184, 187, 191, 197, 213, 215, 216, 252, 253, 259, 260, 261, 262

Ensino Médio 20, 42, 52, 65, 66, 70, 74, 75, 79, 80, 81, 83, 84, 88, 91, 109, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 154, 174, 191, 199, 200, 201, 202, 205, 211, 243, 245, 250, 251, 263

Escola 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 15, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 30, 32, 34, 38, 40, 42, 43, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 87, 93, 94, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 121, 122, 125, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 138, 139, 140, 144, 147, 148, 153, 155, 157, 160, 161, 162, 165, 173, 182, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 198, 201, 213, 214, 215, 216, 217, 238, 247, 248, 250, 259, 261, 262

Exclusão na História 121

## F

Família 1, 2, 3, 5, 6, 7, 47, 48, 56, 59, 62, 63, 78, 124, 125, 127, 160, 246

Formação Continuada 9, 10, 11, 13, 14, 15, 19, 20, 21, 83, 130, 131, 132, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 149, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 174, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 197, 198, 250, 259, 260

Formação Docente 9, 21, 22, 109, 110, 111, 118, 119, 121, 128, 130, 138, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 163, 165, 176, 187, 188, 198, 219, 225

Fotografia 86, 87, 88, 89, 92, 95, 96, 238, 239, 246, 251

## G

Gêneros Textuais 34, 35, 36, 39, 51, 52

Gestão Escolar 184, 196

## H

História Local 86, 88

## I

Inclusão 9, 15, 17, 20, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 64, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 136, 144, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 199, 201, 211, 212

Interdisciplinaridade 86, 87, 98, 99, 101, 170, 259, 260, 261

## J

Jogo Didático 110, 119

## K

Kit Didático 199, 200, 201, 204, 211

## L

Legislação 57, 130, 141, 150, 152, 203, 231

Letramento 1, 3, 163, 165, 245

## M

Mídias Educacionais 163, 164, 165, 167, 168

## P

PIBID 109, 110, 111, 112, 113, 117, 118, 119, 249, 251, 261

Prática Pedagógica 9, 12, 13, 18, 19, 27, 58, 67, 73, 81, 86, 87, 105, 131, 132, 133, 134, 137, 139, 144, 145, 146, 147, 148, 166, 185, 188, 197, 199, 201, 202, 203, 211

Professor 7, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 29, 32, 36, 37, 38, 41, 52, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 76, 77, 79, 80, 81, 83, 84, 86, 96, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 115, 118, 127, 128, 132, 133, 139, 140, 141, 146, 147, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 166, 167, 169, 172, 173, 174, 178, 182, 183, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 196, 197, 199, 201, 203, 205, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 225, 226, 246, 247, 248, 253, 254, 255, 257, 258, 259, 261, 263

Profissionalização Docente 163, 164, 165, 166, 173, 174

Protagonismo 31, 54

## S

Saúde do Professor 99, 100, 101

Situação Acadêmica 175, 181

## T

Tecnologia 15, 16, 17, 18, 59, 62, 63, 80, 87, 96, 119, 145, 147, 163, 164, 165, 166, 174, 175, 176, 178, 199, 200, 201, 211, 213, 263

# FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS NA AÇÃO DOCENTE 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2020

# FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS NA AÇÃO DOCENTE 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 